

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO SEMINÁRIO “QUESTÃO INDÍGENA NA BAIXADA FLUMINENSE”

Affonso Celso Thomaz Pereira¹

Jade Pereira do Amaral Bastos²

Resumo:

O artigo trata de um relato de experiência da concepção, desenvolvimento e dos resultados do seminário “Questão Indígena na Baixada Fluminense”. Nele, são abordadas as motivações pedagógicas, políticas e culturais para produzi-lo; as pontes criadas pelos coordenadores do evento entre o IFRJ – campus Nilópolis com outras instituições que lidam com a temática do seminário, pesquisa, extensão, ensino e movimentos sociais para viabilizar o projeto; o contato e mediação com os representantes de organizações e povos tradicionais; o trabalho das bolsistas na adaptação e produção para a plataforma virtual em razão da pandemia de Covid-19; conteúdo apresentado nas mesas e resultados na recepção dos inscritos e público geral; e os desdobramentos em novos projetos e criação de uma rede com os participantes.

Palavras-chave: Baixada-Fluminense, Indígenas, Território, Memória.

Apresentação

Segundo dados do censo do IBGE de 2010, existiam no Brasil 817.963 pessoas autodeclaradas indígenas e, destes, 90.109 viviam nas capitais. No Rio de Janeiro, verificaram-se 15.894 no total, 6.764 habitando a capital. Como se vê, um percentual bem acima do restante do país. Dados analisados pela historiadora Thaís Silveira apontam que apenas 450 habitam as três Terras Indígenas (TI) demarcadas nos municípios de Angra dos Reis e Paraty, e que 11.972 encontram-se nos municípios da Região Metropolitana (pp.34-35), destes, 2.912 estão localizados na Baixada Fluminense. As representações sobre essa população da Baixada são bastante escassas, do ponto de vista político, cultural e social, o que torna sua percepção invisibilizada, conforme a mesma historiadora aponta.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões envolvendo o “Seminário Questão Indígenas na Baixada Fluminense”, realizado no Instituto Federal

¹ Professor do Instituto Federal do Rio de Janeiro. affonso.pereira@ifrj.edu.br.

² Graduanda de Produção Cultural no Instituto Federal do Rio de Janeiro.
jade.pereira.amaral1@gmail.com.

de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), campus Nilópolis, pelos professores Affonso Pereira e Alexandre Pimentel, em outubro de 2020³, no âmbito do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas. Previsto para ocorrer presencialmente em um único dia no auditório do campus, o seminário foi adaptado para um formato virtual, em função da pandemia da Covid-19. Essa mudança gerou um desdobramento da programação, por razões estratégicas e pedagógicas em relação a eventos remotos, e ocorreu em quatro encontros ao longo de duas semanas.

Importante esclarecer a ambiguidade do título do seminário. Neste momento, nosso interesse era de reunir instituições localizadas na Baixada Fluminense e que desenvolvem atividades de ensino, extensão e/ou pesquisas, trabalhos ou ações ligadas à temática indígena. Ou seja, não se tratava, então, de investigar necessariamente indígenas habitantes do território da Baixada, ainda que eventualmente, estas instituições se debruçassem sobre o tema. Fazemos a ressalva também para ressaltar que esse tema está em nosso arco de problemas e interesses a ser desenvolvido no âmbito de ações de pesquisa e extensão do NEABI/IFRJ-Nilópolis.

A partir desse ponto de vista, buscamos estabelecer parcerias em um sistema de co-realização com os grupos de pesquisa Geopovos (UFRRJ-IM/Nova Iguaçu), representados pelos professores Emerson Guerra e Roberta Arruzzo, e a Cor da Baixada (UERJ-FEBF/Duque de Caxias), além do Museu Vivo de São Bento (Duque de Caxias), na presença do professor Nielson Bezerra. Todo o processo de concepção do seminário, linhas de debates e temas foram extensamente discutidos com este grupo, buscando assim ampliar as perspectivas sobre o tema e consolidar o trânsito acadêmico entre as instituições.

Ao todo, o seminário reuniu as seguintes instituições: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (campus Seropédica e Instituto Multidisciplinar/campus Nova Iguaçu); UERJ/Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (Duque de Caxias); Museu Vivo do São Bento (Duque de Caxias); Instituto de Arqueologia Brasileira - IAB (Belford Roxo); e Faculdade Fernanda Bicchieri-FABEL (Belford Roxo). Além das instituições citadas, o seminário contou com a presença de educadores indígenas e

³ O seminário foi hospedado na plataforma Pluriverso, onde os participantes encontravam as informações sobre os encontros, convidados além do próprio acesso à sala virtual do encontro. Disponível em: <<https://pluriverso.online/cursos/seminario-questao-indigena-na-baixada/?v=19d3326f3137>>.

professores do Colégio Pedro II (Duque de Caxias) e das redes públicas estadual e municipal de Duque de Caxias. Além dos debates, palestras e mesas com relatos de experiências, o evento promoveu ainda um encontro visando à assinatura de uma carta de colaboração entre as instituições participantes, com o objetivo de formar uma rede e estimular um intercâmbio na realização e divulgação de atividades integradas de ensino, pesquisa e extensão sobre a temática indígena na Baixada Fluminense.

O seminário contou com o fundamental recurso do Edital Interno 13/2019 IFRJ/Campus Nilópolis para Fomento à Eventos de Extensão. Além do apoio do trabalho cuidadoso de duas estagiárias bolsistas do curso de Produção Cultural, Jade Bastos e Rebeca da Gama.

A temática indígena no ambiente escolar e acadêmico

Diante da insuficiência de formação pedagógica, política e cultural de estudantes, docentes, e da sociedade em geral, sobre a temática indígena⁴, consideramos que esse tema deveria ser tratado de forma contínua, sistemática e profunda no âmbito do IFRJ. Esclareça-se, desde já, que os Institutos Federais são um projeto surgido em 2008 que previa a verticalização dos níveis de ensino em uma mesma instituição, do ensino médio-técnico à pós-graduação. Com isso, não apenas os professores circulavam entre os níveis de ensino, proporcionando um diálogo íntimo entre pesquisa e ensino, mas também o público dos eventos, da pesquisa e da extensão flutuava desde adolescentes até pessoas mais idosas que frequentavam os cursos de graduação ou o Ensino de Jovens e Adultos, ocasionando, assim, uma pluralidade interessante para a troca de experiências de vida e acadêmicas.

Disciplinas especificamente voltadas para a temática indígena em cursos de História ou Língua Portuguesa são muito recentes nas universidades do Rio de Janeiro, somente na primeira década do século XXI que começam a ganhar corpo; por outro

⁴ Além da legislação que determina o ensino de História e Cultura Indígena ser bastante recente (2008), os centros de formação acadêmica incorporaram muito tardiamente disciplinas voltadas para este tema em diálogo com o ensino médio — a Antropologia não estabeleceu pontes visíveis para a produção de material didático e para a inserção nos programas de ensino médio. Os livros didáticos confirmam esse déficit no tratamento. Contribui decisivamente a pouca penetração de temas, questões e debates dos movimentos sociais e representações indígenas na imprensa e na opinião pública. (LAMAS, F. G.; VICENTE, G. B.; MAYRINK, N. 2016)

lado, carreiras como a Antropologia, que tradicionalmente lidam com o tema, não alcançam atravessar as fronteiras universitárias e se incorporarem aos livros e debates escolares.

O déficit do debate acerca da temática indígena, percebido não apenas na sala de aula, mas no espaço público e na mídia de massa, está ligado a uma série de questões históricas em nossa sociedade, dentre elas um processo contínuo de eliminação física e simbólica dos povos indígenas, sua história, sua memória e suas terras (BARRETO, 2016). Complementar a esse quadro, apontamos de maneira sintética, o trabalho do professor José Ribamar Bessa Freire, em que aponta “cinco ideias equivocadas sobre os indígenas” (BESSA-FREIRE, 2000), como um importante guia para pensarmos as representações acerca dos povos indígenas no Brasil na atualidade. Os equívocos giram em torno da ideia de um indígena fora da história, parado no tempo do Descobrimento, de uma sociedade sem contato com a sociedade branca, de uma suposta identidade essencial dos indígenas que seria perdida na medida em que incorporam hábitos e ideias dos não-indígenas, e a ideia do índio genérico, de que o “índio” é o mesmo em toda parte, não havendo distinções entre as mais de 200 etnias.

Outro elemento importante para considerarmos, é a relativa ausência de povos indígenas no ambiente urbano, segundo o censo de 2010, havia 90.109 indígenas vivendo nas capitais e 727.854 em outros municípios, especialmente em áreas rurais concentradas nas regiões Norte e Centro-Oeste. Desse modo, enquanto elemento de força social, de representação social, a produção de conhecimento na academia, na imprensa, na esfera literária e artística, além dos movimentos políticos e ações sociais, encontram-se, via de regra, fora da experiência imediata e dos olhares dos grandes centros urbanos⁵, dificultando a sua incorporação à linguagem e ao horizonte de lutas políticas e sociais mais amplas dos grupos políticos. Por fim, o próprio distanciamento de indivíduos indígenas dos centros de produção simbólica, como a academia, as artes, a mídia, provocaria também essa invisibilização da temática.

⁵ Tome-se como parâmetro as lutas e representações sociais de outras minorias, como movimento negro, feminista ou pelos direitos civis LGBT, em que a presença no espaço urbano provoca uma ressonância da opinião pública que produz efeitos políticos, jurídicos, e intelectuais de maneira mais intensa, permanente e imediata. Os movimentos de luta e mobilização dos povos indígenas são tão antigos como a própria presença portuguesa neste território. No entanto, como o próprio texto de Bessa Freire nos mostra, seu desconhecimento e secundarização nas pautas da opinião pública, mesmo aquela progressista, revela a existência ainda de um abismo político em que nos encontramos.

Este último elemento vem se transformando consideravelmente nos últimos anos, quando vemos um grande número de indígenas ocupando espaços na academia, na política, como atores e autores no ambiente artístico e literário, nos meios de difusão audiovisual, a partir das visões, da linguagem e das questões próprias de seus povos. Não se trata mais de não-indígenas falar sobre, mas de falar com, e mais ainda necessário: ouvir, ler, assistir e dialogar em pé de igualdade com essa produção intelectual e política. Nesse cenário, a boa novidade que assistimos atualmente é a ocupação de espaços formais sendo ocupados por autores e autoridades indígenas, mas que ainda levará algum tempo para se incorporar ao cotidiano das preocupações, debates e pesquisas em geral — isto é, fora do espaço especializado.

Estas considerações são importantes para posicionarmos o leitor acerca dos condicionantes teóricos, políticos e pedagógicos que envolvem o projeto. Ou seja, é com esse olhar que pensamos em trazer para dentro do IFRJ, em um campus situado na Baixada Fluminense, esse urgente debate. A ideia de poder criar um espaço formal de discussão e circulação dos saberes em que indivíduos representantes indígenas ocupam o lugar principal da palavra.

Desenvolvimento e concepção do projeto

O seminário deve ser entendido a partir do conjunto de outras iniciativas que temos feito no IFRJ/campus Nilópolis. Desde 2018, temos organizados cursos, projetos e eventos que percorrem de forma direta ou indireta a temática indígena. No primeiro semestre de 2018 um curso de extensão introdutório sobre a presença indígena na história brasileira⁶; entre 2018-2019, organizamos o I Ciclo de Formação em História, Memória e Cultura Indígena⁷, no qual trouxemos representantes indígenas para tratar de temas específicos ligados a sua atuação - o que somente foi possível devido ao fomento de edital institucional, que nos permitiu viabilizar o trânsito e a estadia dos convidados

⁶ Em parceria com o professor Marcos Barreto, então doutorando da UNIRIO.

⁷ Ver: “Ciclo de Formação em História, Memória e Cultura Indígena”. Affonso Celso Thomaz Pereira e Alexandre de Oliveira Pimentel. Em: Tecendo teias e redes de saberes: construindo caminhos para a extensão no IFRJ Campus Nilópolis. Organizadora: Giselle Carino Lage – Divinópolis, MG: Meus Ritmos Editora, pp.46-65, 2021. Disponível em: https://8e7795bf-0ab7-44ca-8b76-6c7dd693e400.filesusr.com/ugd/58e20e_0296ef1d8c65455b8880b7ba1b08f03c.pdf

de diferentes partes do estado do Rio de Janeiro. Assim, nomes como Sandra Benitez, Ivanildes Kerexu, Alberto Álvares, Aline Rochedo, Julio Garcia, Cristiane Pankararu, Jonas Gavião e Anápuáka Tupinambá, todos atuantes em suas áreas, audiovisual, ativismo digital, movimento social pela terra, pelos direitos da mulher indígena, e muitos membros da academia, entre mestrandos e doutorandos. Isto é, abria-se a possibilidade de que os participantes do curso de extensão — em sua maioria, estudantes de graduação e professores de ensino básico da Baixada Fluminense — pudessem travar debate diretamente com os sujeitos sobre os quais giravam os temas.

Em 2019, participamos de novos editais para a realização de um curso e de um evento de extensão. Em relação ao curso, optamos por ampliar nossa abordagem e pensar a relação entre território e cultura das comunidades tradicionais e das periferias⁸, o qual contou também com a presença de Julio Garcia, da aldeia Guarani Sapukai e representante do Fórum das Comunidades Tradicionais de Angra-Paraty e Ubatuba. Já em relação ao Evento de Extensão, decidimos por um desdobramento do I Ciclo.

Durante a realização do I Ciclo tivemos o conhecimento⁹ de que boa parte dos presentes apresentavam questões envolvendo o território da Baixada e a presença indígena, seja na atualidade seja ao longo da história. Isso reforçou nossa intuição da relevância de se articular uma rede de pesquisa e estudos em torno do tema, de modo a promover a visibilidade e o incremento deste debate de maneira sistemática.

Assim, a concepção e o desenvolvimento do Seminário Questão Indígena na Baixada Fluminense partiram de alguns posicionamentos teóricos e metodológicos que nos serviram de fio condutor. Trabalhávamos, ao mesmo tempo, em um processo de construção e de desconstrução, ao selecionar os temas, os convidados e propor uma determinada linha — sem com isso impor aos convidados limites ou acordos prévios em relação a suas vozes — que costurasse uma narrativa ao longo dos encontros do curso.

Desconstrução de uma muito bem sedimentada tradição de narrativas e símbolos que, ao longo de nossa história — desde a colonização até os dias atuais — localiza os indivíduos e povos indígenas em posições subalternas, levando à naturalização de sua

⁸ Ver: <https://pluriverso.online/cursos/ciclo-de-extensao-territorios-e-culturas/?v=19d3326f3137>

⁹ Realizamos diversas pesquisas para avaliação da recepção, da composição e das perspectivas dos participantes. Esses dados foram fundamentais para subsidiar a sequência de nossas ações e deu a clara dimensão da importância dessas ações de mapeamento do público. Isso aliado à percepção de momento durante os debates, em relação às perguntas, comentários e principais assuntos de interesse.

desumanização e o destino inescapável de que devem desaparecer, como na recente declaração do presidente da república de que “cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós”¹⁰. Esta declaração ecoa as palavras de Paulo de Frontin em 1922, nas comemorações do Quarto Centenário do Descobrimento. O político carioca, duas vezes senador e patrono da Engenharia Brasileira, foi autor das seguintes linhas:

O Brasil não é o índio; este, onde a civilização ainda não se estendeu, perdura com os seus costumes primitivos, sem adiantamento nem progresso (...). Os selvícolas, esparsos, ainda abundam nas nossas magestosas florestas e em nada differem dos seus ascendentes de 400 anos atrás; não são nem podem ser considerados parte integrante da nossa nacionalidade; a esta cabe assimilá-los e, não o conseguindo, eliminá-los. (*Apud* BESSA FREIRE, 2000, p. 21)

Como podemos ver, as declarações, com cem anos de diferença, reproduzem inalterada a mentalidade colonizadora. São uma síntese que confirmam a atualidade e necessidade do trabalho do professor Bessa-Freire sobre os equívocos que ainda se cometem ao falar e pensar sobre os indígenas.

A organização do Seminário teve como premissa a presença de instituições, pesquisadores e professores que trabalhassem com a temática indígena na Baixada Fluminense para que, em um segundo momento, esse encontro servisse de estopim para a criação de uma rede em torno do assunto. Embora não houvesse por princípio a necessidade de pesquisas em torno do espaço da Baixada, o território acabou sendo um dos pontos centrais das preocupações dos participantes, como veremos a seguir.

Para a melhor realização do seminário, contamos com a participação da Plataforma Pluriverso¹¹ que produziu a parte técnica dos encontros, isto é, a sala virtual, administrou a transmissão para o YouTube do NEABI/campus Nilópolis e hospedou os materiais de apoio aos debates. O formato das mesas era como em um seminário presencial, onde os mediadores apresentam a temática, administram o tempo dos convidados – podendo também complementar suas falas com o objetivo de conectá-las – e, por fim, abrem espaço para perguntas do público. No caso das perguntas e debates, a adaptação para o meio digital é a situação em que se percebe mais diferença, já que elas poderiam ser feitas através dos comentários ou abrindo o áudio e/ou câmera para se

¹⁰ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml>

¹¹ <https://pluriverso.online/?v=19d3326f3137>

comunicar pelo Zoom, onde estavam os inscritos no Seminário, mas também havia a participação pelo Youtube, o que permitia a interação do público em geral.

O material prévio de apoio foi pensado para informar o público sobre o tema, o convidado ou para fomentar o debate e foi compartilhado na Plataforma Pluriverso, onde, a cada semana, se disponibilizavam também código e senha para entrar na sala do Zoom. Assim que a mesa era aberta, as bolsistas faziam o controle do acesso e atestavam presença. Além disso, elas assistiam convidados e inscritos que não conseguiam se conectar, enxergar ou escutar as aulas no Zoom, no YouTube e na Plataforma devido a problemas técnicos.

O seminário teve 120 inscritos através da plataforma Pluriverso. Um número que consideramos muito satisfatório. Atribuímos essa adesão ao eficiente canal de divulgação da Coordenação de Extensão do campus Nilópolis, que possui grande penetração nas redes escolares, nas universidades e com os movimentos sociais da Baixada Fluminense, mas também a já estabelecida rede de contatos e parcerias montada nos cursos anteriores que contribuíram para a visibilidade de nossas ações.

Ao longo do seminário, utilizamos o Google Forms como ferramenta para atestar a presença dos inscritos e permitir que eles avaliassem as transmissões. No formulário final do seminário, obtivemos 22 respostas, sendo 20 delas avaliando o seminário como “muito satisfatório”. Todas assinalaram interesse em eventos futuros de temática semelhante ou relacionada. Foram emitidos 21 certificados com carga horária de 8h para inscritos, além dos produzidos para a equipe, mediadores e palestrantes convidados.

Todos sabemos das dificuldades que a pandemia, e a forma com que o governo brasileiro a conduz, impôs nos mais diferentes níveis, dificultando, por exemplo, a organização do tempo de trabalho, de estudo com a vida doméstica. Assim, ainda que o percentual de concluintes tenha sido pequeno, observamos que nas transmissões pela página do YouTube, onde os encontros ficam armazenados¹², houve um índice de visibilidade e participação maior do que o esperado. Até o dia 01 de maio de 2021, registramos 236 visualizações no vídeo da primeira mesa, 140 na segunda, 187 na terceira e 135 na quarta, totalizando 698 visualizações do seminário.

¹² https://www.youtube.com/watch?v=6hhJUnkGeNE&list=PLOPY0VOJMmtYBwmValRIFN_jN9-voniuD

Isso indica um alcance inesperado e mais aberto para um público que não chegou ao Seminário com interesse de inscrição como curso, com o fim de receber um certificado atestando o estudo, e sim de acompanhá-lo no seu conteúdo e debates, o que revela a fertilidade do assunto e o vasto campo para exploração.

Os encontros e seus desdobramentos

Como dissemos, o seminário planejado antes da pandemia teve que ser rearranjado e organizamos quatro mesas em quatro dias diferentes. Segue um breve relato temático, com a apresentação dos debatedores, para que os leitores tenham contato com a diversidade das instituições e de temas trabalhados.

A primeira mesa, com o título “O papel das universidades públicas na pesquisa e na formação de professores sobre a temática indígena”, contou com a participação dos professores Emerson Guerra (Grupo Geopovos/IM-UFRRJ Nova Iguaçu), Nielson Bezerra (Grupo A Cor da Baixada/FEBF-UERJ D. Caxias/MV São Bento/FABEL) e Izabel Missagia (PPG em Ciências Sociais UFRRJ – Campus Seropédica). Promovemos um debate sobre o papel das universidades públicas na pesquisa, no ensino e na extensão. Como elas vêm atuando e quais os desafios na qualificação desses educadores e educadoras para que possam desenvolver de modo adequado a temática indígena na Baixada Fluminense, especialmente no atual contexto brasileiro. A lei 11.645/08, que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino, foi uma importante conquista, mas como as relações étnicas e culturais vêm sendo trabalhadas? Quais as dificuldades e limitações de uma efetiva aplicação dessa norma? Para além da lei, qual a importância política, social e cultural dessa pesquisa e desse ensino?

A segunda mesa, “Relatos de experiências no ensino e na extensão”, foi apresentada por Affonso Pereira (NEABI – IFRJ Nilópolis), Marize Vieira de Oliveira Pará Reté (Instituto dos Saberes dos Povos Originários Aldeia Jacutinga / Associação Indígena Aldeia Maracanã - AIAM / Professora da Rede Municipal de Duque de Caxias e do Estado-RJ), e Paula Moura Aponè Kariri Xocó (Instituto dos Saberes dos Povos Originários Aldeia Jacutinga). Aqui, com a presença de indígenas, componentes do

movimento de ressurgência, Marize e Paula, travou-se um encontro entre diferentes experiências de trabalho com a temática indígena no ensino e na extensão. Quais os maiores desafios em relação ao ensino da História e Cultura Indígena, por parte dos professores, principalmente no tocante aos recursos didáticos? Qual papel da Extensão Universitária para disseminação crítica desse tema e formação de um público? Enquanto Affonso Pereira abordou a experiência do Ciclo de Extensão em História, Memória e Cultura Indígena, realizada pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, no IFRJ de Nilópolis, Marize Vieira de Oliveira "Pará Reté" e Paula Moura Aponè Kariri Xocó, abordaram o trabalho educacional com o Instituto dos Saberes dos Povos Originários Aldeia Jacutinga, expondo as potencialidades e os embates de sua atuação, tanto no âmbito da escola, como na mobilização social e política pelo reconhecimento dos direitos, da identidade e do patrimônio cultural indígena na Baixada Fluminense.

“A pesquisa sobre a presença ancestral de povos indígenas na Baixada Fluminense” foi o tema do terceiro encontro com as presenças de Marlúcia Santos de Souza (Museu Vivo do São Bento), Ondemar Dias (Instituto de Arqueologia Brasileira - IAB) e Luís Rafael Araújo Corrêa (Colégio Pedro II - Duque de Caxias). Tivemos a chance de assistir a um encontro de pesquisadores de diferentes gerações, todos com trajetórias marcadas por trabalhos que se dedicam à presença ancestral de povos indígenas no território da Baixada Fluminense. Marlúcia Santos tratou do trabalho de preservação da memória desenvolvido pelo Museu Vivo do São Bento, localizado no município de Duque de Caxias. Ondemar Dias, um dos mais respeitados profissionais do país no campo da arqueologia apresentou o - magnífico - trabalho realizado pelo Instituto de Arqueologia Brasileira, uma fundação privada de pesquisa, sediado em Belford Roxo. Luís Rafael Araújo Corrêa debateu com o público suas pesquisas em arquivos históricos e religiosos que serviram de base para seu doutorado e para o livro “Feitiço Caboclo: um índio mandingueiro condenado pela inquisição”.

Como conclusão do Seminário, abordou-se um tema que se mostrou presente em todas as discussões anteriores e, por casualidade a última mesa, serviu de culminância de todo o projeto: “A presença indígena contemporânea na Baixada Fluminense”, em uma mesa composta por Ana Kariri (Professora e Arte-educadora) e Thais Elisa Silva da Silveira (Professora da Rede Municipal de Duque de Caxias). Os últimos Censos do

IBGE revelam que as discussões sobre a questão indígena não podem ser tratadas somente como assunto da história ou da arqueologia. A presença viva de indígenas em contexto urbano é um fato, embora ainda pouco visível e reconhecido pela sociedade como um todo. Novamente aqui temos a presença de uma representante indígena, Ana Kariri, ativista, professora e arte-educadora, com uma presença importante nos debates políticos e institucionais no Rio de Janeiro. Thais Elisa Silva da Silveira, pesquisadora e professora da Rede Municipal de Duque de Caxias, é autora de uma pesquisa inovadora na área de história e de enorme importância pedagógica e política sobre a presença indígena a partir de dados estatísticos, da tradição oral e do patrimônio imaterial na Baixada Fluminense.

Em síntese, o Seminário conseguiu trazer para o primeiro plano, através de diferentes caminhos, por diversos pontos de vista, a relevância da pergunta sobre a questão indígena atualmente, nos espaços urbanos em geral, e na Baixada em específico. Em todas as mesas surgiam referências sobre lugares de memória, sobre o uso de saberes tradicionais indígenas em feiras populares, sobre famílias que mantiveram ou recuperaram seus nomes e seus vínculos indígenas, e grupos que reivindicam a identidade indígena mesmo no ambiente urbano. Esses fenômenos nos dão a dimensão do muito que precisa ser avançado no campo da pesquisa e no campo da ação política e cultural em vista do reconhecimento social e formal dos povos indígenas e de suas tradições vivas. Ao mesmo tempo, reforça a importância de iniciativas, como a deste seminário, para fomentar o debate e promover a sensibilização do público e o vínculo entre academia e movimentos sociais.

Como desdobramento, dois encontros posteriores foram realizados, o primeiro com o objetivo de avaliar a realização, seus pontos fortes, críticas e sugestões, e o segundo com o objetivo de estabelecer uma rede permanente de contato, em que pudemos expor as perspectivas de trabalho, traçar parcerias para a continuidade de nossas ações e buscar meios de ampliar nossa comunicação e nosso alcance com ações na comunidade e na academia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSA-FREIRE, J.R. Cinco idéias equivocadas sobre o índio. *Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH)*, Manaus-Amazonas, n° 01, p.17-33, set. 2000.

LAMAS, Fernando Gaudeto; VICENTE, Gabriel Braga; MAYRINK, Natasha. Os indígenas nos livros didáticos: uma abordagem crítica. **Revista de Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**. Recife, V2, n. 1, 2016. Disponível em: file:///C:/Users/affon/Downloads/14973-37299-1-PB.pdf. Acessado em 26/01/2021.

NEABI IFRJ CAMPUS NILÓPOLIS, Seminário Questão Indígena na Baixada Fluminense. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6hhJUkGeNE&list=PLOPY0VOJMmtYBwmValRIFN_jN9-voniuD. Acessado em 13/04/2021.

PEREIRA, A. C. T; PIMENTEL, A. O. *Ciclo de Formação em História, Memória e Cultura Indígena*. In: LAGE, G. C (Org.). Tecendo teias e redes de saberes: construindo caminhos para a extensão no IFRJ Campus Nilópolis. Divinópolis, MG: Meus Ritmos Editora, pp.46-65, 2021. Disponível em: https://8e7795bf-0ab7-44ca-8b76-6c7dd693e400.filesusr.com/ugd/58e20e_0296ef1d8c65455b8880b7ba1b08f03c.pdf . Acessado em 13/04/2021.

PORTAL PLURIVERSO. *Seminário | Questão Indígena na Baixada Fluminense*, 2020. Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://pluriverso.online/cursos/seminario-questao-indigena-na-baixada/?v=19d3326f3137> . Acessado em 13/04/2021.

SILVEIRA, Thais Elisa Silva da. **Identidades (in)visíveis: indígenas em contexto urbano e o ensino de história na região metropolitana do Rio de Janeiro**. Dissertação UERJ/FFP, São Gonçalo, 2016.